

**CORREIO BRAZILIENSE**

**“A MISSÃO É INFORMAR,  
NÃO AGRADAR.”**

com ANA DUBEUX

A MISSÃO É INFORMAR,  
NÃO AGRADAR.

COM ANA DUBEUX

CORREIO  
BRAZILIENSE

**CAMPANHA  
“PAZ NO TRÂNSITO”**

A MISSÃO É INFORMAR,  
NÃO AGRADAR.

COM ANA DUBEUX

CORREIO  
BRAZILIENSE

CAMPANHA  
“PAZ NO TRÂNSITO”

# DUAS DÉCADAS POUPANDO VIDAS

- CAMPANHA LIDERADA PELO CORREIO  
HÁ 22 ANOS:
- PASSEATAS, PROTESTOS, COBRANÇAS;
- FUNÇÃO DO JORNAL VAI ALÉM;  
PROVOCAR MUDANÇA DE COMPORTAMENTO;
- FAIXA DE PEDESTRES:



# A MISSÃO É INFORMAR, NÃO AGRADAR.

com ANA DUBEUX

**CORREIO  
BRAZILIENSE**

## CAMPANHA “PAZ NO TRÂNSITO”

# A MISSÃO É INFORMAR, NÃO AGRADAR.

com ANA DUBEUX

**CAMPANHA  
“PAZ NO TRÂNSITO”**



**CORREIO  
BRAZILIENSE**



A MISSÃO É INFORMAR,  
NÃO AGRADAR.

COM ANA DUBEUX

CORREIO  
BRAZILIENSE

MATÉRIA

**“E HAVIA UMA PEDRA  
NO MEIO DO CAMINHO”**

A MISSÃO É INFORMAR,  
NÃO AGRADAR.

COM ANA DUBEUX

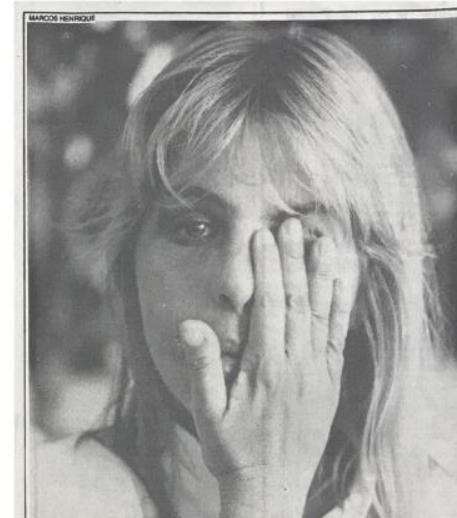
CORREIO  
BRAZILIENSE

MATÉRIA

“E HAVIA UMA PEDRA  
NO MEIO DO CAMINHO”

# TENSÕES DA PROFISSÃO

- MATÉRIA DE 15 DE DEZEMBRO DE 1988:
- EXPERIÊNCIA COMO REPÓRTER:  
REALIDADE DA VIOLÊNCIA EM MANIFESTAÇÕES.



Hoje Neide só lamenta não ser uma pessoa saia, pois sem uma vista não consegue costurar

## E havia uma pedra no meio do caminho

ANA DUBEUX

Depois de ter sido apedrejada num ônibus, durante a greve dos rodoviários, em abril, a repórter Ana Dubeux, da Rádio Globo, Neide Martins, 31 anos, nunca mais voltou a ver a mesma sua vida e sua face mudaram em aspectos das sequelas que quando aquela pedra atravessou o seu caminho, ferindo-a gravemente e quebrando-lhe o olho direito, puxada, distante dos filhos e sem ter onde morar, ela e seu marido, Carlos Drummond de Andrade, no poema *No Meio do Caminho*, já narrava esquecendo aquela sequela permanecendo sua vista de suas retinas fatigadas.

E não é pra menos: além das críticas deixadas pelas pessoas para cobrança do profissionalismo, vive amarrada com as barreiras de um apartamento andar de ônibus cuja o forte balaço diário da crise da greve. As consequências da violência que assombram a mente. Até porque, quando se precisa refletir, é só arrancar a máscara limpa-lá. "O pior de tudo é enxergar o espelho diferente, completamente desfigurado. Não desse isso a ninguém". Se pelo menos pudesse tratar-se de um mal-estar flutuante, talvez superasse mais facilmente a fase difícil. Mas a sorte disse-lhe a deus visto do ônibus esquerdo acanhado com seus planos.

PERFILHANÇA.  
Os turbinados aí encantaram alegria festejaram parte do passado. "Não consigo seguir colocar uma linha na agenda. Mesmo assim, quando chega, não perde as

No dia do acidente: vítima inocente da violência

se adaptou às mudanças. Cabe acreditar que um ser humano é capaz de fazer isto com outro a troco de nada", revolta-se.

O desespero, porém, não é a única marca das greves. "É um direito de todos os trabalhadores contra a violência", lamenta, convencida que o Sindicato dos Rodoviários é o maior grupo de trabalhadores como armas de guerra. "Tudo Pedro Crisó é surpreendente. Deve ser assim. Quando o cara falando no rádio se sente ameaçado, de imediato que, em nenhum momento, se interessou em saber minha situação, se eu era atraída ou não é o cara que ele prograva nas passagens e assinava?", Mais ela aprofunda: "Aqui é que a gente é praticada". Descedendo e baderneando, fala chorando. Ensinou a se proteger e lembrar a carta do governador: "Ele vai me dar uma força. Se não encontro por que ainda não me recebeu".

A MISSÃO É INFORMAR,  
NÃO AGRADAR.

COM ANA DUBEUX

CORREIO  
BRAZILIENSE

MATÉRIA  
“E HAVIA UMA PEDRA  
NO MEIO DO CAMINHO”

# E havia uma pedra no meio do caminho

ANA DUBEUX

Depois de ter sido apedrejada num ônibus, durante a greve dos rodoviários, em abril, a dona-de-casa Neide Raimundo Martins, 31 anos, nunca mais voltou a ser a mesma: sua vida e sua face mudaram em apenas dois segundos, quando aquela pedra atravessou o seu caminho, ferindo-lhe gravemente o olho direito. Desempregada, distante dos filhos e sem ter onde morar, ela — como disse Carlos Drummond de Andrade, no poema *No Meio do Caminho* — “jamais esquecerá aquele acontecimento, na vida de suas retinas fatigadas”.

E não é pra menos: além das cicatrizes deixadas pelas operações para colocação da prótese, vive amargurada com as lembranças. Sempre quando anda de ônibus ouve o forte barulho do dia da tragédia. As cenas do apedrejamento jamais saem de sua mente. Até porque, diariamente, precisa retirar o olho artificial para limpá-lo: “O pior de tudo é encarar o espelho, diferente, completamente deformada. Não desejo isso a ninguém”. Se pelo menos pudesse trabalhar para manter os filhos, talvez superasse mais facilmente a fase difícil. Porém, a forte disritmia e a débil visão do olho esquerdo acabam com seus planos.

## ESPERANÇA

Os bordados e as costuras agora fazem parte do passado. “Não consigo sequer colocar uma linha na agulha”. Mesmo desiludida, Neide não perde as

ARQUIVO



No dia do acidente: vítima inocente da violência

esperanças. Ainda aguarda a casa prometida pelo atual presidente da Shis, Atila Paes Leite. Ficou mais confiante, depois de receber resposta de uma carta do governador Joaquim Roriz, prometendo fazer o possível para ajudá-la. Essa tem sido, inclusive, uma das razões para não cair no desespero. Afinal, com Cz\$ 85 mil que recebe de pensão do ex-marido não dá para sobreviver: “Minha mãe ficou com meus filhos até arrumar minha vida. Foi melhor assim”.

No Maranhão, com a avó, tanto Sandro, 10 anos, quanto Fabricio, 6, têm condições de continuar estudando em colégio particular. “Sempre trabalharei para dar o melhor a eles”. O filho mais novo, que acompanhava no ônibus da Viação Alvorada, de tão traumatizado não conseguiu a olhar para a mãe antes da operação. “Quando ele me via sem o olho, corria”. Ela própria ainda não

se adaptou às mudanças: “Custa a acreditar que um ser humano é capaz de fazer isto com outro a troco de nada”, revolta-se.

O desespero, porém, não a faz criticar as greves. “É um direito de todo cidadão. Só sou contra a violência”. Lamenta, contudo, que o Sindicato dos Rodoviários use os braços dos trabalhadores como arma de guerra. “Esse Pedro Celso é anarquista. Devia ser preso”. Quando o ouço falando no rádio tenho vontade de lembrá-lo que, em nenhum momento, se interessou em saber minha situação. Que socialismo é esse que ele prega nas passeatas e assembleias?”. Mas ela aprova qualquer paralisação pacífica: “Desordem e baderne, não”, fala chorando. Enxuga as lágrimas e lembra da carta do governador. “Ele vai me dar uma força. Só não entendo por que ainda não me recebeu”.

A MISSÃO É INFORMAR,  
NÃO AGRADAR.

COM ANA DUBEUX

CORREIO  
BRAZILIENSE

CASO

# PROFISSIONAIS DO CORREIO AGREDIDOS NO CONIC

A MISSÃO É INFORMAR,  
NÃO AGRADAR.

COM ANA DUBEUX

CORREIO  
BRAZILIENSE

CASO  
PROFISSIONAIS DO CORREIO  
AGREDIDOS NO CONIC

# VIOLÊNCIA CONTRA A INFORMAÇÃO

- EPISÓDIO RECENTE: VIOLÊNCIA CONTRA JORNALISTAS AINDA É UMA REALIDADE:

Bárbara Cabral/Exp. CB/D.A Press



**Equipe do Correio é atacada em protesto**

Mais de 30 pessoas participaram das agressões aos três profissionais que cobriam a manifestação pró-Lula, em frente à sede da CUT, no Conic. O vidro traseiro do carro foi quebrado. ANJ, ABI, OAB-DF e Ministério Público condenaram o ataque. A Polícia Civil investiga. PÁGINA 7

# Opinião

10 - CORREIO BRAZILIENSE - Brasília, sábado, 7 de abril de 2018

VISÃO DO CORREIO

## Agressão à democracia

Pelo menos 30 participantes da manifestação de apoio ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, na noite de quinta-feira, no centro de Brasília, tentaram agredir duas jornalistas e depredaram o carro da reportagem do Correio Braziliense. O ato público foi convocado pela Central Única dos Trabalhadores (CUT-DF), logo após o anúncio da decretação da prisão do líder petista. Um fotógrafo da agência Reuters e uma equipe do SBT também foram hostilizados e ameaçados. Cenário de liberdade da imprensa despejou contra a entidade promotora do ato público, que se diz representante dos interesses e dos direitos dos trabalhadores.

A liberdade de imprensa é um dos pilares da democracia, assim como o respeito às decisões judiciais. Ultrajar os profissionais e impedi-los que exercem seu ofício significa desprezar os marcos do Estado democrático de direito. A ação pela violência colocou o Brasil na sétima posição na lista de países com mais crimes contra jornalistas, segundo levantamento do Comitê de Proteção dos Jornalistas.

No ano passado, foram 99 casos de agressões aos profissionais, expressiva queda ante os 172 casos de 2016, explicada pela diminuição de manifestações públicas, como as ocorridas na quinta-feira em quase todo o país. Hoje, o Brasil ocupa o 103º lugar entre 180 nações no ranking de liberdade de imprensa, de acordo com o estudo da ONG Reporteres sem Fronteiras (RFS).

O ataque à violência é demonstração incontestável de incapacidade de dialogar,

de reconhecer os próprios limites e, pior, se confundir com uma turba de vândalos. Incalculável que militantes, independentemente da ideologia ou coloração partidária, impeçam o trabalho da imprensa, cuja missão, amparada na Constituição Federal, é a de assegurar à sociedade o acesso à informação sem a interferência do Estado ou de qualquer outra instituição, seja pública, seja privada.

O ataque aos jornalistas mereceu o repúdio não só da direção do Correio, mas também da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), da Associação Nacional de Jornais (ANJ), da Associação Brasileira da Imprensa (ABI), da Presidência da seccional da Ordem dos Advogados do Brasil no DF e do procurador-geral de Justiça do DF, Leonardo Bessa, que colocaram o Ministério Público do DF e Territórios à disposição para colaborar com as investigações. A apuração do episódio está a cargo da Coordenação de Combate à Corrupção, ao Crime Organizado, aos Crimes contra a Administração Pública e aos Crimes contra a Ordem Tributária da Polícia Civil.

Chegar aos responsáveis é medida que se impõe. A liberdade e o respeito dispensados às manifestações públicas devem, igualmente, ser dedicados aos que trabalham e cumprem o papel social de levar aos cidadãos notícias sobre o que ocorre na cidade, no país e no mundo — sem distinção ideológica, econômica ou política. A sociedade tem o direito de ser informada com isenção, papel desempenhado pelos meios de comunicação.

CASO  
FUNCIONÁRIOS DO CORREIO  
AGREDIDOS NO COINC

# Repúdio aos ataques

» DEBORAH FORTUNA  
ESPECIAL PARA O CORREIO  
» HAMILTON FERRARI  
ESPECIAL PARA O CORREIO

Assoções, políticos e o Sindicato dos jornalistas se posicionaram a respeito da violência que profissionais da imprensa têm sofrido em manifestações pelo país. No dia em que o juiz Sérgio Moro determinou a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, uma equipe do Correio foi atacada por manifestantes em protesto convocado pela CUT em Brasília. Ao longo da noite, outros veículos de comunicação também foram ameaçados e precisaram se retirar do local.

Na manhã de ontem, o governador Rodrigo Rollemberg mostrou repúdio à violência sofrida pelos jornalistas. "Solidarizo-me com os jornalistas que foram alvo de absurdas agressões", afirmou por meio de nota. "A democracia exige de todos nós respeito às decisões judiciais e à imprensa, que é um dos pilares de nosso regime democrático", completou. A equipe do Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) também foi ameaçada, assim como um fotógrafo da Reuters, no mesmo local.



O carro da reportagem do Correio foi atacado

Bárbara Calvão/Foto: CNA/DA Press - 5/4/18

## Depoimentos

### Mais amor, menos ódio

"Sempre pensei que não fizesse parte deste mundo. Não no sentido de ser superior ou não colaborar para torná-lo melhor. Mas no sentido de não entender o ódio, a guerra e a intolerância. Na quinta-feira, pela primeira vez, experimentei na pele o ódio gratuito que veio em forma de violência e censura. Uma fotografia e eu fomos punitidos pelos editores do Correio Braziliense para realizar a cobertura de uma manifestação da CUT em Brasília, após a ordem de prisão do ex-presidente Lula ser expedida pelo juiz Sérgio Moro. Às 18h50 saímos da redação no carro do Correio, dirigido por um motorista experiente, parte do nosso trio diário.

A chegarmos em frente à sede da CUT, o motorista estacionou o carro. Fui a primeira a abrir a porta. Estava no banco de trás. Coloquei a ponta do pé no asfalto e em seguida ouvi alguém iniciando os cerca de 30 manifestantes que ali estavam a atacarem o nosso veículo. Um grupo que estava à direita agiu prontamente e com passos agressivos já desferiram sacas, chutes e murras nos vidros e no carro, no mesmo instante em que consegui fechar a porta.

Levamos alguns segundos para entender que estávamos sendo atacados. Os olhares através do vidro da janela eram vorazes. De cada soco, de cada investida escoria o ódio. Tivemos o carro cercado. Cada vez batiam mais forte. Pânico talvez seja a palavra que procuro. Enquanto calculava quanto de pancada o vidro ainda aguentaria, ela que ecoa um barulho do vidro quebrado da traseira

radamente ao motorista para arrancar com o carro. Berrei como se a nossa vida dependesse daqui. E, talvez, dependesse. Isso deve ter se passado em menos de três minutos, não sei ao certo. Mas sem fugir do clichê, pareceu uma eternidade no inferno. O nosso motorista, o herói da noite, conseguiu deixar o local. Os 'manifestantes' ainda correram atrás do carro. Para nossa sorte, usávamos capacete de segurança.

Ao chegar na delegacia para registrar o O.B., sentei no murinho em frente e me permiti chorar como um bebê. Tomei uns 5 copos d'água seguidos na tentativa de me acalmar. A fotografia se manteve, na medida do possível, muito mais calma que eu. O motorista também. Poderia ter sido pior. Enquanto caminhava para prestar depoimento em uma das salas, os vidrinhos ainda caram, demonstrando que eu não havia me sacudido o suficiente para me livrar de todas elas.

No entanto, não conseguimos fazer o que queríamos ter feito: o nosso trabalho jornalístico. O trabalho de informar a população. Fomos hostilizados.

Sou jornalista e, apesar das diferenças de profissões, ideais religiosos e políticos, somos todos iguais. No fundo, após um dia de trabalho, queremos voltar para casa, para a família. Queremos, então, também colocar a cabeça no travesseiro e dormir em paz. Coisa que não conseguimos fazer na tentativa de entender o que se passava na cabeça dessas pessoas. Desisti. Jamais entenderei.

Agradecço o apoio dos colegas jornalistas, das instituições de imprensa e a todos que manifestaram sua solidariedade e repúdio ao que sofreram. Também deixo aqui meu apoio aos canais de comunicação

The background of the image is a dark blue photograph showing a large stack of rolled-up documents or blueprints. The rolls are tightly packed and curve outwards from the bottom right corner towards the top left.

**MUITO OBRIGADO!**